

ENTRE SUICIDAS, PROSTITUTAS E ASSASSINOS: A EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA EM *DIÁRIO DE UMA QUASE*, DE PAULO SESAR PIMENTEL

Luana Soares de Souza¹

RESUMO

Este artigo busca analisar a obra *Diário de uma quase* (2010), do escritor Paulo Sesar Pimentel, procurando apontar questões sobre a contemporaneidade no texto literário. As personagens dos contos de Pimentel são mendigos, suicidas, assassinos e prostitutas que definham por entre as ruas das cidades. Para o desenvolvimento analítico proposto buscamos as contribuições teóricas de Ricardo Piglia (2004) e Julio Cortázar (1993), acerca dos estudos sobre o conto, e Karl Erik Schollhammer (2009), que problematiza a ficção contemporânea brasileira.

Palavras-chave: paulo sesar pimentel, conto, contemporâneo.

Éramos amebas *protozoários* aves répteis,
qualquer forma de vida, deslizante, querendo só
continuidade, o caminhar contínuo pela terra, como existência,
como forma de se separar do caos e continuar in-di-ví-duo.
(Paulo Sesar Pimentel)

A literatura brasileira contemporânea tem sido alvo de muitas investigações. Segundo Schollhammer (2009) “O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente” (2009, p. 10). Essa “realidade histórica” será marcada pelo individualismo e pela fragmentação. Para Gastal (2006) “A nova construção da subjetividade mostrará um sujeito fragmentado, com uma maneira de ser e estar no tempo e no espaço, e de mostrar-se no palco da cidade.” (2006, p. 35).

Esse contexto é fruto das desilusões histórias, da massificação da cultura e da supervalorização do consumo que vão interferir diretamente na produção literária brasileira. A noção de homogeneização da cultura será evidente na sociedade contemporânea. Para Resende (2008)

¹ Mestre em Estudos Literários - Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá.
E-mail: lusoares90@gmail.com

(...) a força da globalização dos bens simbólicos e da circulação da mídia vem acarretando, (...) uma homogeneização do gosto, das expectativas, do consumo, representada pela americanização que se espalha por onde as redes midiáticas do "Império" se estendem. Neste sentido, a força da globalização atingiria o imaginário e as práticas culturais (...) (RESENDE, 2008, p. 19)

Segundo Stuart Hall (2006), nessa sociedade globalizada, os homens possuem identidades cambiáveis que se transmutam constantemente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Hall (2006) afirma que as identidades não são biológicas. Ao contrário, são históricas. A sociedade "pós-moderna" produz novas identidades, gerando um descentramento de uma identidade única. A partir da primeira metade do século XX, o indivíduo passa a ser "(...) exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou das metrópoles anônima e impessoal." (idem, p. 32).

A identidade de classe, fecundada pelos confrontos históricos das lutas de classes, será abortada em detrimento das identidades étnicas, raciais e feministas. O homem não se vê em uma totalidade; encontra-se em partes truncadas do grande quebra-cabeça humano.

O homem fragmentado, diluído na sociedade "pós-moderna", vai buscar incessantemente o prazer, o sexo casual, o corpo como formas de suprir suas necessidades afetivas e históricas.

Nesse novo processo histórico, um gênero literário será bastante utilizado pelos escritores: o conto. Rápido, breve e de fácil alcance, o conto perpetua ideias instantâneas para o leitor que vive o caos das cidades e o esgotamento do tempo.

Julio Cortázar (1993) afirma que não é possível elencar leis sobre tal gênero. Apenas é possível perceber que existem "certas constantes, certos valores que se aplicam a todos os contos, fantásticos ou realistas, dramáticos ou humorísticos." (1993, p. 149).

O conto abandona os grandes enredos e as grandes construções de personagens para dar lugar ao trivial. O boteco, a rua, o ônibus, a cama e o banheiro serão os cenários das protagonistas que habitam os contos contemporâneos.

As personagens do conto contemporâneo geralmente sofrem de uma crise existencial crônica. Essa crise gera uma supervalorização do “eu” e, conseqüentemente, as personagens tornam-se individualistas e egocêntricas. Logo, o fenômeno da alteridade, ou seja, o reconhecimento do “outro” que contribui no processo de constituição do “eu”, será descartado na trama fragmentária e residual.

As personagens buscam recolher os cacos das identidades despedaçadas pela realidade. No entanto, esses cacos de instante podem ultrapassar o próprio instante, projetando uma reflexão sobre a condição humana. Cortázar (1993) compara o contista ao fotógrafo. Ambos captam o instante, o momento; recortam um pedaço da realidade.

(...) o fotógrafo ou o contista sentem a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 1993, p. 151)

Portanto, o conto ultrapassa seu próprio conteúdo. O contista utiliza o instante para questionar a condição humana. Nesse processo dialético, o fragmento projeta a totalidade da realidade e das relações humanas. Conforme Cortázar (1993), um conto é significativo “quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta.” (idem, p. 153).

Cortázar (1993) elenca um elemento importante no conto: a tensão. Segundo ele “o único modo de poder conseguir esse sequestro momentâneo do leitor é mediante um estilo baseado na intensidade e na tensão (...)” (idem, p. 157). O contista, portanto, cria a tensão nas palavras, na cena e nas personagens, raptando o leitor para o universo literário.

Outro elemento importante no conto é o efeito surpresa. Conforme Ricardo Piglia (2004), o desfecho do conto geralmente apresenta ambigüidade ou incoerência, entretanto, esta incoerência é premeditada pelo escritor. Ele afirma que “os finais são

formas de encontrar sentido na experiência” (2004, p. 100). O homem fragmentado vai criar o sentido individual a cada leitura. O leitor é obrigado a (re)construir o final que se apresenta aberto e/ou ambíguo.

A obra *Diário de uma quase* (2010), de Paulo Sesar Pimentel², vai retratar personagens que se afundam em questionamentos individuais. O livro possui 20 contos que revelam as frustrações de mulheres, bêbados, suicidas e assassinos.

A narrativa fragmentária, inacabada, em eterna construção é marcada pela solidão, ausência e vazio, provocados pela falta de uma identidade coletiva. Essa construção narrativa impossibilita pautar questões que apontem para uma superação da realidade. Assim, a geração de escritores contemporâneos vaga por entre os problemas cotidianos e imediatos, se negando (conscientemente ou não) a refletir sobre o passado e o futuro.

(...) percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14)

As personagens de Pimentel vivem um cotidiano de incerteza e desilusão. Mulheres de meia idade, assassinos, suicidas e homens-parasitas que refletem sobre retalhos de uma vida perdida. No conto *O último cigarro*, um dos contos que compõem a obra *Diário de uma quase* (2010), encontramos um homem que se descreve ao olhar-se no espelho do banheiro.

Rapaz triste, introspectivo, clichê dos gênios de todos os tempos em todas as épocas, a devorar saberes e espirrar teorias, regurgitando o próprio fracasso, escondido em camadas de belas palavras, discursos cotidianos (...) (p. 83)

A personagem olha sua imagem refletida no espelho e passa a divagar sobre a vida, sobre o quarto e sobre os cigarros que fuma. Esse cotidiano fragmentado é sintoma

² Paulo Sesar Pimentel nasceu na cidade Coronel Sapucaia (MS). Lançou o livro *Ângulo Bi* (2002), juntamente com os escritores Santiago Villela Marques, Haya Del Bel e Marcelina Oliveira e os livros *Dez Modernistas* (2004), *Café com Formigas* (2005) e *Diário de Uma Quase* (2010). Em 2011 recebeu menção honrosa no 12^a Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.

de uma sociedade que supervaloriza o indivíduo. Longe de uma narrativa engajada, o autor busca refletir sobre as idiossincrasias de homens e mulheres que vivem as tragédias pequeno-burguesas.

No conto *Numa segunda ou terça qualquer: antecedendo as noivas*, um suicida reflete sobre a angústia que sente nas segundas-feiras.

(...) as segundas são melancólicas e tristes, com um quê de domingo passado, de fim de semana encerrado entre suspiros tristes e programas ruins de televisão chiada, antena torta e velha, ou qualquer problema complicado e desprezível a ponto de não merecer arrumação para o conserto. (...) Quero apenas dizer, sem volteios ou meias palavras o que sinto na segunda: tristeza profunda, acompanhada da famigerada vontade de morte. (p. 54)

O desejo pela morte, a inércia diante da realidade se mescla à monotonia diária. Como é possível observar no trecho acima, e em vários contos de Pimentel, a trama é tecida na primeira pessoa do singular. O uso desse pronome (eu) revela e reafirma o individualismo presente na sociedade contemporânea. Apaga-se a ideia do coletivo; impera o “eu”.

As características físicas dessas personagens não nos são reveladas. As únicas informações apresentadas são abstratas ou pontuais. No conto *Diário de uma quase*, por exemplo, o autor dá apenas alguns vestígios psicológicos sobre a protagonista.

uma mulher de meia idade, abandonando a fase balzaquiana, com uma linguagem burguesa instruída, se valendo de um recurso adolescente para contar promiscuidades recheadas de culpa.” (p. 38).

O nome das personagens também não nos é revelado, característica predominante na composição das personagens de Pimentel. O efeito desse “não-dizer” demonstra que o nome da personagem é irrelevante na composição da narrativa. Nessa estratégia de escrita (omissão do nome) existe uma possibilidade de escancarar um homem universal, ou seja, as personagens vivem as mesmas experiências que o leitor, pois, por mais que as experiências sejam individuais, a impotência diante da realidade torna-se coletiva. Ocorre uma identificação entre leitor e personagem.

Essa impotência coletiva é retratada, por exemplo, no conto *Sinagoga*, em que treze homens estão famintos e um deles quase é atacado por um pássaro. A personagem principal pensa “Os outros doze me olhavam, sem força, ou vontade pra me proteger.”

(p. 18). Essa falta de solidariedade, misturada com a impotência coletiva, é presente na sociedade “pós-moderna”. O culto ao “eu” e as idiosincrasias se instauram na narrativa do autor.

As personagens de Pimentel trilham a sociedade “pós-moderna”; estão em constante peleja entre o viver o e morrer. Suas identidades são contraditórias. No conto *Diário de uma quase*, vemos a mulher que possui muitas identidades.

Princesa ou puta? O que eu sou? Sinceramente, acho que nem todas as palavras do mundo, nem mesmo todos os livros e teorias podem de responder. O que devo fazer nem é mais uma pergunta. (p. 38)

A eterna crise existencial, que gera ambiguidades e imprecisões, é uma marca da escrita literária de Pimentel. Essa crise gera a tensão no conto. Quando lemos duas ou três páginas dos contos, temos a impressão de que a personagem passou por diversas sensações. A cada palavra se cria uma nova tensão que vai se juntando às tensões anteriores.

Quanto à construção estilística, a hipérbole e a antítese serão utilizadas para cumprir o papel de aprofundamento das crises das personagens. As antíteses são muito utilizadas pelo autor para dar a ideia de contradição, endossando as incertezas das personagens. Vejamos os exemplos extraídos do conto *Diário de uma quase*.

a) “Eu via olhos brilhantes, gozosos com o ato, mas um **corpo** leve, como se um anjo me ventilasse a **alma**.” (p. 39)

b) “**Céu, inferno**, quem sabe um grande salão de baile” (p. 38)

c) “Com ele eu gozei **alegremente, tristemente**” (p. 40)

d) “Era só um papel, rotulado como **protagonista, secundário** ou **figurante**” (p. 42)

As antíteses, construídas no texto literário, reafirmam as muitas identidades da personagem que oscila entre o profano (corpo-inferno) e o sagrado (alma-céu), a felicidade e a tristeza. Essa eterna transição de sensações e pensamentos são resultado das relações sociais estabelecidas na sociedade “pós-moderna”.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p. 12)

Além das muitas identidades assumidas pelas personagens, vemos que a narrativa também se constrói a partir da premissa de que o conto tece duas histórias. Sobre o conto, Piglia (2004) afirma que o mesmo possui duas histórias que se entrelaçam na narrativa.

A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário (...). Cada uma das duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de casualidade. (PIGLIA, 2004, p. 90)

No conto *Diário de uma quase*, vemos que a história 1, em que a protagonista escreve em seu diário, se entrelaça à história 2, em que as experiências desconexas são relatadas. A estrutura do conto é atemporal e ilógica. Duas histórias são relatadas paralelamente e se entrelaçam simultaneamente.

As personagens de Pimentel vivem o contexto de fragmentação individual. O mundo “pós-moderno” tornou-se tão indestrutível, que as personagens não encontram forças para encarar a realidade. No conto *Ricardo*, vemos a metáfora da fragmentação da identidade no parágrafo final: “(...) percebi que era vidro, tudo vidro e algo se quebrou, tão fundo, que eu nem sabia onde estavam os cacos para eu poder colar.” (p. 68).

Pimentel possui uma temática muito particular: “dor, sofrimento, gozo, prazer, susto, tudo misturado pela distância e pelo tempo” (p. 98). O escritor revela o mundo nas situações do dia-a-dia. Suas personagens gozam na incerteza, na dúvida e no limbo.

O próprio nome do livro revela a incapacidade do homem contemporâneo, no uso do termo “quase”. As personagens são suicidas que “quase” se matam, assassinos que “quase” matam, homens bêbados que “quase” morrem, homens que “quase” nascem a cada novo cigarro. O termo “quase” é a eterna incompletude; o fato não consumado. A narrativa de Pimentel é a narrativa do “quase”. A fragmentação existencial, na sociedade “pós-moderna”, é materializada em *Diário de uma quase*.

Vemos o homem impotente, solitário, com identidades cambiáveis, que se transforma, para manter-se sempre o mesmo.

Referências

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GASTAL, Susana. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. São Paulo: Papirus, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PIMENTEL, Paulo Sesar. *Diário de uma quase*. Mato Grosso: Carlini & Caniato, 2010.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BETWEEN SUICIDES, PROSTITUTES AND KILLERS: THE CONTEMPORARY EXPERIENCE IN *DIÁRIO DE UMA QUASE*, BY PAULO SESAR PIMENTEL

ABSTRACT

This article seeks to analyze the book *Diário de uma quase* (2010), of writer Paulo Sesar Pimentel, trying to point out issues about the contemporary in literary text. The characters, of Pimentel's tales, are beggars, suicides, murderers and prostitutes lonely languish through the city streets. For the proposed analytical development we seek the theoretical contributions of Ricardo Piglia (2004) and Julio Cortázar (1993), about the studies of tale, and Karl Erik Schollhammer (2009), which discusses the Brazilian contemporary fiction.

Keywords: paul sesar pimentel, tale, contemporary.

Recebido em 16/06/2014.

Aprovado em 18/06/2014.